Segunda-Feira, 23 de Novembro de 2026

Celso – o Jacaré

Há mais de dez anos, quando se multiplicavam na mídia nacional protestos contra rodeios de touros, classificando-os como cruéis, publiquei a crônica que resumo abaixo.

“Meu nome é Corisco, sou touro de rodeio da tropa do Zé Mulato”. Depois da autoapresentação, o animal continuava: “O bezerro, quando nasce, tem três destinos possíveis. O primeiro é ir para o açougue. O segundo, virar boi de carro. Tem ainda uma terceira chance, reservada a pouquíssimos: ser reprodutor.

Quando eu tinha dois anos, tentaram me amansar para ser boi de carro, mas como eu era muito desajeitado, desistiram do serviço e me devolveram ao pasto. Dali iria para o açougue.

Nessa época, para minha sorte, apareceram lá na fazenda dois homens dizendo que queriam comprar uns animais fortes e estabanados, para serem usados como atletas de rodeio. Parece que gostaram de mim logo de cara.

Desde então, levo uma vida maravilhosa. Tenho uma alimentação excelente, faço exercícios todos os dias, nado na represa e o meu trabalho é só pular oito segundos a cada vez que um peão metido à besta trepa no meu lombo e derrubá-lo com a fuça no chão, coisa que faço com gosto.

Acontece que, de uns tempos para cá, surgiram umas pessoas que começaram a implicar com este esporte. Querem acabar com os rodeios.

Dizem que judiam de nós, que espremem o nosso saco, fazendo-nos pular de dor; que nos agridem com a espora e até falam em dignidade de boi, coisa que nem sabemos o que é.

Mas é mentira deles, a espora nem ponta tem e a corda usada só faz cócegas na nossa virilha.

Nós, atletas de rodeio, odiamos as ONGs que protegem animais que não precisam de proteção. Elas deveriam socorrer os burros e cavalos velhos e magros, submetidos a trabalho acima de seu limite. Que cuidem dos cachorros e gatos famintos abandonados nas ruas. Acudam os animais atropelados que morrem aos poucos sem ajuda. Soltem as aves silvestres presas em minúsculas gaiolas.

Nós não precisamos de ajuda, de socorro ou de apoio. Aliás, queremos que as ONGs nos esqueçam e deixem de nos usar para aparecerem na mídia”.

Republico esta crônica para falar do Jacaré Celso que esteve na mídia cuiabana na semana passada. Resumo da notícia contada nos sites: dois influenciadores pegaram o rabo do dito jacaré, que mora no Parque das Águas, e chacoalharam fazendo-o andar, para postar um vídeo nas redes sociais.

E ele o fez: caminhou calmamente, sem nenhuma pressa ou demonstração de desconforto, andando com aquele jeito próprio dos répteis da espécie, quando não estão estressados.

Celso — o Jacaré — mostrou um movimento tão elegante, maneiro e airoso, que fiquei na dúvida se ele realmente é um jacaré macho ou uma dengosa fêmea a quem deram um nome masculino.

Creio que o bicho, se pudesse “falar” como o Corisco, diria que não precisa punir os influencers, como muitos estão exigindo. Eles são assim mesmo, diria: fazem qualquer graça para ganhar alguns likes.

Poderia ainda acrescentar que ele —o Celso — não teve qualquer dano físico ou psicológico e que está até curtindo esta fama inesperada.

Renato de Paiva Pereira é escritor e empresário